

Editorial

Licensed under
[CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Lucia Santaella¹

A ecossemiótica se constitui hoje em um dos campos mais fascinantes da pesquisa acadêmica, o Antropoceno, em sua multiplicidade de leituras e olhares semióticos. A importância da ecossemiótica reside na sua premissa de que a semiose, ou seja, a ação dos signos rege todos os processos vivos e rudimentarmente também os não vivos em uma ampla eco e cosmo esfera de interações. Neste escopo, este número da TECCOGS destaca as oportunas casuísticas que permeiam a vasta região amazônica, esta última servindo como espécie de hiperobjeto paradigmático, cambiante e insolúvel, um hiperobjeto que a ecossemiótica traduz em hipersigno. São as relações sígnicas que nos permitem penetrar na situação crítica em que as alterações antrópicas realizadas em nossas terras tropicais e equatoriais, do século passado para cá, não são mais reversíveis ou recuperáveis. Portanto, aqui se tem a proposta de uma penetração do conhecimento na intimidade da crise para abrir novos olhares rumo a uma possível superação.

¹ Lucia Santaella é pesquisadora IA do CNPq, professora titular da PUC-SP. Foi pesquisadora convidada em várias universidades europeias e latino-americanas. Publicou 57 livros e organizou 35, além da publicação de mais de 500 artigos no Brasil e no exterior. Recebeu os prêmios Jabuti (2002, 2009, 2011, 2014), o prêmio Sergio Motta (2005), o prêmio Luiz Beltrão (2010) e o Sebeok Fellow Award (2025). E-mail: lbraga@pucsp.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0681-6073>.